



As cidades e as infâncias duma escritura.

*Cristiane Santana Silva*¹

A cidade e a infância, livro de dez estórias do autor angolano José Luandino Vieira, é trazido ao público brasileiro em edição da Companhia das Letras, no final de 2007.

Neste livro, que teve sua primeira edição oficial em 1960 (e a oficialidade se justifica em razão de que, segundo relatos do próprio autor, há uma edição anterior, de 1957, recolhida pelos órgãos repressores do regime colonialista em Angola), temos a estréia de uma contundente escritura que atingiria maior fôlego em livros como *Luuanda* (1965), também editado pela Companhia das Letras em 2006.

Através das narrativas de *A cidade e a infância* observamos a configuração de dois espaços (e num sentido mais amplo, de tempos) que serão tônica de toda a ficção de Luandino. A infância apresenta-se como *locus* privilegiado da inventividade, o que equivaleria a afirmar que, através dos “sonhos de papel de seda, levantados contra o céu azul” (“A cidade e a infância”), é como se pudéssemos vislumbrar possibilidades outras para uma realidade de privações e opressões.

Juntamente com a infância temos o desenho da cidade, antes e depois das tensões suscitadas e forjadas pelas “fronteiras do asfalto”, que se tornará local onde, singularmente, o leitor vê desnudada uma

série de conflitos estabelecidos pela empresa colonial, através de uma focalização constante de Luanda, mais especificamente dos musseques (periferias).

Sobre este aspecto, torna-se pertinente trazeremos à cena, a fala de Luandino Vieira em entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo* (28/10/2007), na ocasião do lançamento do livro. Questionado sobre o fato de em *A cidade e a infância* já estarem traçadas suas intenções literárias, o autor responde:

Como aquela pequena semente a partir da qual todo o trabalho literário se iria desenvolver. Os sítios, cenários, locais e as gentes que iriam povoar meu imaginário aí aparecem esboçados. Na verdade, sem grande justeza ou profundidade mas a escolha impôs-se-me: a cidade, a nossa terra de Luanda, sobretudo o espaço dos musseques e suas gentes. Também o que do fundo da infância e da adolescência sempre emergia e continua a emergir (...).²

A fala de Luandino é bastante emblemática, na medida em que conflui para o percurso que nós, enquanto leitores, percorremos diante de seu texto. E desta maneira, confirma uma extrema coerência entre o que se sobressai nesta, e em outras obras, e o seu projeto estético-literário, a partir do momento em que vemos este mesmo projeto refletido e confirmado na recepção de sua obra, e que consideramos também que, para o autor, a literatura teria importante papel a desempenhar na formação de consciências libertárias.

E já que falamos em coerência, pretendemos demonstrá-la, a partir de agora, debruçando-nos um pouco mais demoradamente sobre as histórias que compõem o volume. Como já informamos inicialmente, trata-se de dez breves narrativas (categorizadas como histórias, por opção do próprio Luandino) em que se destacam o imaginário da infância e da juventude, seja pela presença de personagens infantis e adolescentes, seja por personagens já em fase adulta, que a partir da perspectiva do presente retomam dados deste período, um tempo onde “a infância aparecia diluída numa cidade de casas de pau-a-pique,

zinco e luandos, à sombra de frescas mulembas onde negras lavavam a roupa e à noite se entregavam” (“A cidade e a infância”).

Nesta mesma senda temos estórias como “Encontro de acaso”, texto em que um rapaz branco, quando adulto, reconhece um amigo negro de sua infância. Ademais de notarmos nuances do conflito racial, bem como as fronteiras espaciais, ideológicas e sociais que marcam estas relações inter-raciais, temos um retrato das transformações ocorridas na cidade (passada a infância das personagens e, por extensão, da cidade), e de como a imposição colonial vai redefinindo Luanda, deixando muito bem determinados os papéis de brancos e negros. No entanto, o conto aponta para um espaço de convivência, marcado pelos “redutos bandidos do Kinaxixi” e já vislumbramos aí um certo projeto incipiente de mudanças pela subversão.

A idéia incipiente desta estória ganha corpo e explicita-se, por exemplo, em “Marcelina”, em que a necessidade de luta e o desejo de transformação nos é evidenciado, quando ao fim de um percurso pelos sons, pelos corpos e pelas contradições de um baile como tantos outros da cidade, passando por uma cena de exclusão da mulher negra (questão que será retomada mais adiante), o narrador termina por “bater com o povo”, e encerra a narrativa da seguinte maneira: “Bati, batuquei na mesa com raiva, com o povo e com os meus amigos, roucos de vinho, uma **canção de protesto** [grifo nosso], até despontar a madrugada”.

Dentro da gama de conflitos que ratificam a cidade destas estórias como uma cidade colonizada (e lembramos aqui os sentidos atribuídos por Fanon ³, uma cidade sem intervalos) podemos sublinhar, ainda, as tensões raciais que, em última instância, também correspondem a colonizadores (brancos) e colonizados (negros, mestiços e brancos em situação de pobreza). Assim, estas mesmas tensões são observáveis nas relações entre mulheres negras e homens brancos (presente em várias das narrativas), onde as mulheres aparecem sempre sozinhas, seja pelo abandono (“Companheiros”), seja pela morte desses homens (“Bebiana”). Relacionamentos que acabam por gerar filhos

mulatos que transitam entre estas fronteiras, não se adequando a nenhum dos espaços instituídos por elas. É imperante observarmos, também, as diversas cenas de discriminação racial menos tácitas, cujas estórias mais representativas são “Fronteiras do Asfalto” e “Faustino”.

A primeira delas, talvez seja a estória que mais congregue os elementos dos quais falamos até aqui: a infância como o tempo de convivência (lembre-se, nem sempre pacífica) e o estabelecimento da cidade com suas fronteiras excludentes. Nos atendo especificamente à questão racial, a tensão é levada ao extremo quando a desaprovação do relacionamento de dois jovens, sendo ele negro e ela branca, culmina na morte do primeiro, justamente no limite físico destas fronteiras (separação do bairro de brancos e dos musseques).

Já em “Faustino” as demonstrações de preconceito se dão sob várias frentes: o desrespeito das crianças do prédio onde trabalha Faustino, insultando-o todo o tempo, quando o chamam pelo nome de um cachorro, de propriedade de uma garota moradora do prédio; a inferioridade com que é tratado pelos moradores do edifício e por seu patrão; as várias manifestações contrárias à sua vocação e dedicação aos estudos, entre outras. Tudo isto corrobora para a estória que o narrador afirma ter visto e não lhe terem contado, sobre a opressão social e racial sofrida por Faustino, que se vê em meio a diversas tentativas de cercear-lhe e impedir-lhe as aspirações, e de determinar um lugar para ele nesta sociedade, sempre inferiorizado. Contudo, a estória, como outras no conjunto da coletânea, nos permite vislumbres de uma utopia libertária, já que ao fim, Faustino acaba por abandonar o emprego.

As demais narrativas apresentam, em diferentes graus e representações, as mesmas questões que consideramos centrais como eixo estruturante do livro. E todo este percurso de leitura apresenta-se com o intuito, sob o risco de tornar-se redundante (e se o for, que lhe valha a pena!), de convidar os leitores brasileiros a percorrem esta Luanda, através de seus contrastes, suas tensões, suas possibilidades, seus personagens vistos e vividos, conduzidos pela latente maestria do

jovem José Luandino Vieira, neste seu livro de estréia, num tempo de infância recriada e ressemantizada por um eficaz trabalho de linguagem inventiva e altamente criativa.

VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

1 Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo (USP).

2 Entrevista. On-line: <http://txt.estado.com.br/editorias/2007/10/28/cad-1.93.2.20071028.1.1.xml>

3 FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.